

Os Olhos Azuis de Caeiro

Paulo de Tarso Jardim

"O meu olhar azul como o céu
É calmo como a água ao sol.
É assim, azul e calmo,
Porque não interroga nem se espanta..."

"Vejo-o diante de mim, e vê-lo-ei talvez
eternamente como primeiro o vi. Primeiro,
os olhos azuis de criança que não tem medo."

-"Notas Para a Recordação do Meu
Mestre Caeiro". Álvaro de Campos

Citando, parece-me, Poe, Borges afirmou certa vez que cabe a um escritor escrever uma história, mas não sua moral. A afirmação, que tem um sentido paradoxal se a lemos à luz da imensa moral fabulada que é a obra do escritor argentino, ganha um sentido outro quando projetada sobre a poesia caleidoscópica de Fernando

Paulo de Tarso Jardim é aluno de pós-graduação em Teoria Literária do IEL - UNICAMP

Pessoa e de seus heterônimos.

A poesia de Pessoa ainda está por ser compreendida. Curiosamente, passado já quase meio século de sua morte, as inúmeras interpretações de sua obra têm feito mais aprofundar seus mistérios, que são tantos (ou nenhum), do que lançar alguma luz sobre eles. O que, antes de tudo, parece intrigar e confundir os exegetas desta poesia é a decisão, que a fundamenta, do fazer da heteronímia simultaneamente uma "armadilha" ontológica e uma solução estética. Se a primeira diz respeito, fundamentalmente, ao próprio Pessoa, embora interesse-nos também como sintoma de seu processo criativo, já a solução que ele propõe a esta armadilha através de seus poemas, sejam eles de Pessoa ele-mesmo ou dos demais heterônimos, diz respeito sobretudo a nós, seus leitores,

A heteronímia, seja ela um jogo ou este sintoma profundo dos seus mecanismos psíquicos, sempre suscitou interpretações sabidamente parciais. A monumental biografia de João Gaspar Simões é o exemplo pioneiro e insuperado deste procedimento. De tal forma o livro se empenha na verificação dos fatos que agiram na formação de Pessoa, motivando o projeto fragmentador que o levou à criação dos heterônimos, que aos poucos acaba por relegar a própria obra pessoana - sua verdadeira biografia, para lembrar um lugar-comum que não deixou de ser verdadeiro - a um plano outro, a meu ver secundário, onde recorta-se o horizonte de uma leitura hermenêutica que jamais se realiza e que parece pensável apenas como promessa.

Mas se uma leitura exclusivamente psicana lítica não alcança uma compreensão profunda da aventura poética pessoana, posto que não sabe ultrapassar, visan do a obra, a compreensão do próprio poeta, visto tão so mente como um obstáculo que furta ao leitor a visão de sua poesia, por outro lado, as interpretações que pode ríamos chamar de lúdicas, ou seja, aquelas que preferem ficar apenas no âmbito da obra e do jogo heteronímico, também não conseguem atingir o cerne do novelo pessoano. Esquecem-se ambas de que o fundamental em Pessoa é justa mente este afã algo quixotexto de produzir sua biografia a partir da obra. Para Pessoa, esta é talvez sua maior ficção, tudo se passa como se sua poesia coincidissem com a vida, como se começasse junto com ela. Por isso, a mar cante temática da memória em Pessoa acena invariavelmen te para um mundo noturno, anterior ao verbo, que só ad quire sentido - e graça - à luz da maturidade. A palavra não só resgata o passado como o cria: a vida do menino começa a ser depois. Eis o projeto de Pessoa: escrever-se em sua poesia, de tal forma que, contrariando o aforisma de Borges/Poe, possa, ao escolher sua história, escrever também sua moral.

Mas este projeto, se torna possível a obra pessoana, coloca-a também numa situação de impasse. A história, de alguma forma, pertence-nos, mas sua moral é uma árdua conquista que passa antes pelo outro. Inventa-se, então, o outro: Pessoa quer ser não só um poeta, mas uma literatura, na qual estão previstos, inclusive,

seus leitores e críticos. É deste projeto desmedido que nasce a heteronímia, com a função explícita de estabelecer entre a subjetividade de Pessoa e o mundo exterior, o mundo dos outros, uma ponte que a legitime.

A heteronímia, contudo, não poderia ser uma representação do outro (Pessoa seguramente o sabia), mas apenas uma fragmentação e uma exacerbação do mesmo. É aqui que surge Caeiro. Ao contrário de Pessoa ele-mesmo, que, segundo Álvaro de Campos, seria "um novelo embrulhado para o lado de dentro", Caeiro pretende-se pura exterioridade. Contemplando as coisas, deseja que não existam contemplador ou contemplação, mas apenas a coisa contemplada. Por isso Caeiro é o mestre de Pessoa: sua poesia, fundamentalmente designativa, parece representar o momento solitário nesta obra múltipla onde a relação se dá entre as palavras e as coisas do mundo e já não entre as palavras e os conceitos.

Mas a poesia de Caeiro tem uma outra importância, agora de ordem estratégica, a qual será decisiva na gênese dos heterônimos. Para Fernando Pessoa - o Pessoa anterior a Caeiro - o mundo revela-se, de maneira perversa, ao se ocultar. Enquanto aquilo que se mostra furta-se à revelação, o que se esconde, enfim, revela. Esta dialética da revelação manifesta-se na poesia dos heterônimos como o fundamento mesmo de sua diversidade. Daí a fragilidade das leituras psicanalíticas que insistem na natureza reveladora da heteronímia, tomando-a apenas como um artifício através do qual o tímido Pessoa podia exteriori

zar seus fantasmas particulares, reconhecendo-se imediatamente neles. A obra dos heterônimos, lança mais sombras do que luz ao "novelo" pessoano, o que fica evidente na maneira como Caieiro inverte o processo de revelação que caracterizava a poesia de Pessoa. A ele, Caieiro, já não interessa o oculto, "que não existe", mas apenas o que se vê. Só é digno de existir o que é visível, e nada há que sendo visível seja vulgar.

"Tu, místico, (...)

O que vês, vê-lo sempre para veres outra coisa

Para mim, graças a ter olhos só para ver,
Eu vejo ausência de significação em todas as cousas;
Vejo-o e amo-me, porque ser uma coisa é não signifi
car nada.

Ser uma coisa é não ser susceptível de interpretação."

Caieiro critica ao misticismo não seu espiritualismo, mas o que nele há de material. Aborrece-o a vocação do místico de, a partir do real, isto é, a partir do que se vê, procurar o outro, oculto. Para Caieiro não há o oculto, pois aquilo que não se vê ainda não existe. O pagão que Caieiro sempre gostou de se proclamar aproxima-se aqui, de fato, do sentido grego de verdade (alé-theia), ou seja, desocultamento. Verdadeiro é apenas aqui lo que vemos, o que, através de seu impacto visual, ofusca e dispensa a necessidade de um sentido.

Fazer com que algo signifique implica in

vesti-lo de um outro ser. A linguagem atua como um espelho, duplicando o mundo. Mas esta duplicação, para Caeiro, é falsa, pois acrescenta ao universo das coisas visíveis apenas um universo de simulacros. Mas se as palavras são como que corpos estranhos no universo de Caeiro justamente por carecerem de visualidade, elas são também o instrumento único e privilegiado de que ele dispõe para denunciar esta falta. Desta forma, há apenas um procedimento capaz de legitimar sua presença neste universo: sua constante reificação. As palavras em Caeiro só começam a existir depois de se tornarem coisas, isto é, depois de perderem sua capacidade de significar.

"(...) Digo da pedra, é uma pedra,
Digo da planta, é uma planta,
Digo de mim, sou eu.
E não digo mais nada. Que mais há a dizer?"

Neste dizer que incessantemente se tematiza vislumbra-se a armadilha tautológica da poesia de Caeiro. De uma pedra, ele julga dizer apenas que é uma pedra, o mais seria traíla. Mas o simples ato de nomear, Caeiro bem o sabe, já seria, de uma certa forma, esta traição que a todo custo ele deseja evitar. Por isso Caeiro potencializa o ato de nomear, colocando-o entre aspas. As aspas prestam-se perfeitamente ao processo de reificação. Elas trazem a palavra para fora do papel, fazendo com que ela, mais do que lida, seja vista e ouvida pelo leitor.

Mas o confronto que fundamenta a poesia de

Caeiro não se dá, ao contrário do que ele sugere, entre as palavras e as coisas, entre o oculto e o visível. Este confronto está antes na sua oscilação entre o mesmo e o outro, e é talvez por não resolvê-lo satisfatoriamente que os demais confrontos afloram. Se lermos, por exemplo, a poesia de Caeiro à luz do "desassossego" de Bernardo Soares, veremos que apesar de ambos partirem da supressão do outro, aquilo que em Caeiro é pretexto apenas para a afirmação da realidade do visível, e só do visível, em Bernardo Soares será a causa do esvaecimento do seu próprio mundo. Suprimindo o outro, Bernardo Soares elimina a única possibilidade de conferir alguma realidade aos fantasmas que gera em sua consciência, ao passo que Caeiro pretende ao fazê-lo nada menos que eliminar esta mesma consciência, que se lhe afigura não mais do que como um obstáculo interposto entre ele próprio e as coisas.

Por isso, sempre que a presença do outro representa um risco à sua compulsão objetivadora, Caeiro o ignora.

"É noite. À noite é muito escura. Numa casa a uma gran
de distância

Brilha a luz duma janela.

Vejo-a, e sinto-me humano dos pés à cabeça.

É curioso que toda a vida do indivíduo que ali mora,
e que não sei quem é,

Atrai-me só por essa luz vista de longe.

Sem dúvida que a profissão dele é real e ele tem ca
ra, gestos, família e profissão.

Mas agora só me importa a luz da janela dele.
Apesar de a luz estar ali por ele a ter acendido,
A luz é a realidade imediata para mim.
Eu nunca passo para além da realidade imediata.
Para além da realidade imediata não há nada.
Se eu, de onde estou, só vejo aquela luz,
Em relação à distância onde estou há só aquela luz.
O homem e a família dele são reais do lado de lá da
janela.
Eu estou do lado de cá, a uma grande distância.
A luz apagou-se.
Que me importa que o homem continue a existir?"

Neste poema, partindo de uma situação em tudo semelhante a uma descrição de Henri Bosco em Hyacinthe, a qual se presta a uma brilhante análise de Bachelard sobre o cogito do sonhador, Caeiro praticamente inverte a argumentação do pensador francês, uma inversão que lhe é exigida pela lógica interna de sua poesia. Ao contrário de Caeiro, Bosco faz com que seu personagem não apenas advinhe o outro, a partir da vela, que é o signo da sua presença, como faz com que este outro imaginado adquira paulatinamente um corpo, que não é outro se não o corpo daquele que o observa e que, ele também um solitário, inveja sua solidão. Através da luz da vela, que manifesta a existência das coisas ao seu redor, a personagem de Bosco põe-se em comunhão com o mundo. Ele sabe que junto à vela há alguém que o observa também e que se

sabe observado por ele."Para um olho claro,diz Bachelard tudo é espelho". Mas os olhos azuis de Caeiro recusam-se a isso. Caeiro vê, mas no olhar que lança às coisas não busca nenhuma correspondência, pois admitir esta troca implica aceitar a relatividade do seu próprio olhar. Mas quando percebemos este olhar que o mundo nos dirige, e que não dura mais que o instante mesmo de sua percepção, estabelece-se a certeza de ali se estabelecer uma troca equânime: no fluxo que vai de mim às coisas e delas a mim, iludo-me, fascinado, com a possibilidade de convivência em seu limite.

Com o outro convive-se no espaço; com o mesmo, feito outro, no tempo. Em Fernando Pessoa ele-mesmo, viver (escrever) equivale a projetar o próprio ser como nostalgia. O futuro projetado e o passado passível de ser resgatado são a matéria de sua poesia, que, contudo, só se atualiza num presente atomizado e sempre fugidio. Já em Caeiro esta equação do tempo submete-se a um outro e peculiar artifício: ele não é triparte, o tempo, em suas categorias habituais, mas aceita-o, sub specie aeternitatis, transmutado em espaço. É na contemplação das coisas, assim como idealmente as veríamos fora de nós mesmos, ou seja, sem a mediação da consciência, que Caeiro deseja recuperar não só os tempos perdidos como aqueles por vir. Sua intuição, apesar de idealista, é magnífica, pois indica-nos que o tempo não é uma categoria das coisas, mas do homem. Caeiro sabe que o tempo só concerne aos mortais. Por isso ele, que almejava a serenida

de e a estabilidade da pedra, exclui, ou tenta excluir, o tempo de sua poesia.

Se para o Pessoa anterior aos heterônimos, para Pessoa ele-mesmo ou para Ricardo Reis só o passado é real, para Caetano não haverá realidade senão no instante fugidio em que as coisas são percebidas ("O que foi não é nada, e lembrar é não ver"). Álvaro de Campos poderia, à primeira vista, sobretudo num poema como "Ode Triunfal", passar por poeta futurista. Mas seu "futurismo" não é mais do que uma expressão estilizada do eterno-retorno. As coisas, por carecerem de sentido (e no desprezo que ele vota a isso reside sua principal oposição com relação a Caetano), voltam-nos sempre com as mesmas coisas, pois é no sentido que reside a diferença. Não há história na poesia de Álvaro de Campos, há ciclos, e tudo se passa sob a mesma noite "antiquíssima e idêntica".

A fixação de Caetano neste presente atomiza do acaba por se refletir em sua própria concepção de obra. Se o projeto pessoano resolve-se na obra e apenas em função dela existe ("Navegar é preciso, viver não é preciso"), na ciência de ver de Caetano, "que é nenhuma", a obra surge como negação da obra, e só existe para afirmar sua inutilidade. Em Pessoa, a obra é uma metáfora da vida; em Caetano a vida é tudo aquilo que não está na obra. E na obra há apenas uma vaga nostalgia da vida:

"Navio que partes para longe,
Porque é que, ao contrário dos outros,
Não fico, depois de desapareceres, com saudades de ti?"

Porque, quando te não vejo, deixaste de existir.
E se se tem saudades do que não existe,
Sinto-a em relação a coisa nenhuma;
Não é do navio, é de nós, que sentimos saudade."

Esta saudade de si mesmo é o motor poderoso, ainda que quase sempre elidido, da poética de Caeiro. Atribuindo existência tão somente às coisas, isto é, aquilo que não está investido pela consciência, Caeiro acaba por encontrar-se num espelho perverso, do qual de ante mão se excluía. Ele sabe que para ser absolutamente fiel a seu projeto de objetivação do olhar seria preciso que também ele, Caeiro, estivesse compreendido em seu campo de visão. Enquanto ele for apenas a referência a partir da qual as coisas são apreendidas pelo olhar, sua visão destas mesmas coisas estará sempre submetida à circunstancialidade do seu olhar. O Deus que tudo vê deve também ver-se a si próprio, do contrário nada compreenderá. Daí porque, ao ver o navio partir, Caeiro insiste que devemos sentir saudades não dele, mas de nós mesmos. Pois tudo que Caeiro deseja seria contemplar-se, à distância, naquele navio, que leva para longe seus olhos azuis. Só assim, pacificados, eles poderiam reencontrar o céu, o mar e conviver em harmonia com todas essas coisas azuis que estão sempre como que ao alcance de nossas mãos e que, no entanto, jamais conseguimos tocar.